

Machismo e Tabus Sofridos Pelas Mulheres em Mad Men¹

Maria Eduarda Barbosa da SILVA²

Natália LOPES³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente ensaio busca fazer uma análise das personagens que fazem parte do elenco fixo da série norte-americana *Mad Men*, fazendo-se presente em todas as sete temporadas do programa finalizado em 2015. São elas: Betty Draper, Peggy Olson, Joan Holloway e Sally Draper. A partir de análises do cinema hollywoodiano feitas por Laura Mulvey e Ann Kaplan, buscou-se trazer a percepção dessas autoras para a ficção seriada, fenômeno que tem crescido ao longo dos anos.

PALAVRAS-CHAVE: televisão; série; mulheres; machismo.

Introdução

Os estudos feministas abarcaram o cinema através de teóricas como Laura Mulvey e Ann Kaplan. No entanto, suas análises vão além da sétima arte e podem se encaixar em outros produtos audiovisuais, como a ficção seriada. Ao ler tais referências, foi impossível não lembrar de diversas situações em seriados, principalmente os norte-americanos. Nos últimos anos, percebe-se um aumento no consumo de tais programas em que vemos muitas referências ao cinema hollywoodiano. Isso porque roteiristas consagrados enxergaram a nova possibilidade de mercado e migraram do cinema para a televisão. Segundo Kaplan (1995, p. 45), “os signos do cinema hollywoodiano estão carregados de uma ideologia patriarcal que sustenta nossas estruturas sociais e que constrói a mulher de maneira específica – maneira tal que reflete as necessidades patriarcais e o inconsciente patriarcal.” Ainda sobre gênero, Lauretis (1994, p. 208) destaca: “como representação e como autorepresentação, é produto de diferentes tecnologias sociais como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana”

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: eduardamsilva@gmail.com

³ Professora de Estágio Docência no curso de Cinema e Audiovisual da UFPE email: natalopes@gmail.com

O produto a ser analisado neste ensaio é um sucesso, que conquistou diversos prêmios da televisão norte-americana, intitulado *Mad Men*. A consagrada série foi criada por Matthew Weiner e teve seu primeiro episódio exibido em 2007. O programa foi finalizado em 2015 e conquistou milhares de fãs ao redor do mundo. Seus personagens são complexos e profundos. Embora se chame *Mad Men*, as mulheres assumem papéis importantes ao longo da narrativa, sendo quatro delas com mais destaque durante toda a história: Betty Draper, Peggy Olson, Joan Holloway e Sally Draper, sendo esta última uma criança no início da trama e, no final, uma adolescente.

Antes de começar a análise é necessário contextualizar toda a história da série, que é ambientada na década de 1960. O programa traz à tona o universo publicitário de agências localizadas na famosa Madison Avenue, em Nova York. O personagem principal é um homem, bastante machista, por sinal, que tem como uma das características em sua personalidade a constante traição à sua mulher, Betty Draper. Na agência em que trabalha, conhecemos Joan Holloway, uma espécie de secretária-geral da empresa, e Peggy Olson, a nova secretária de Don Draper. O local é predominante masculino, onde os papéis de gêneros são bem delimitados. Homens, como trabalhadores e executivos, enquanto as mulheres desempenham tarefas de secretária e/ou telefonista.

Fora do ambiente de trabalho, Don Draper constitui uma família com Betty, que é dona de casa e cuida de dois filhos, um garoto e uma garota, chamada Sally Draper, que merece uma atenção especial na série e tem mais destaque que seu próprio irmão - veremos mais à frente o porquê. Aqui, neste trabalho, foca-se na análise das quatro personagens citadas, Betty, Joan, Peggy e Sally e utiliza-se referências acerca do cinema hollywoodiano como fetichismo e voyeurismo, além de destacar os papéis de gêneros desempenhados por elas.

Betty Draper



Betty Draper representa a típica boa moça que cuida da família e abre mão de todos os sonhos. Ela é uma ex-modelo e abdicou da carreira para se casar com Don Draper. Dentre todas as temporadas, há cenas que marcam a personagem, principalmente na primeira. Em um dos episódios, ela está sozinha em casa e tem um momento de prazer ao se masturbar em uma máquina de lavar em movimento. A cena lembra, inclusive, a personagem de Maeve Jinkings no filme *O Som ao Redor* (Kleber Mendonça Filho), que faz ação semelhante. Nesse mesmo episódio, Betty tem uma fantasia com um homem desconhecido, que a possui, enquanto ela assume a passividade da relação. É o que Ann Kaplan destaca em seu livro *A Mulher e o cinema: os dois lados da câmera* (1995), no capítulo *O Olhar masculino*, acerca dos desejos desempenhados pela mulher, em que ela se vê sendo possuída, e não possuindo, ratificando a relação binária de domínio e submissão, na relação entre o masculino e o feminino. “Difícilmente a sonhadora inicia a atividade sexual e o grande pênis ereto do homem geralmente é o centro da fantasia. Quase todas as fantasias obedecem ao modelo domínio-submissão, com a mulher ocupando a segunda posição” (KAPLAN, 1995: 48)

Em outra cena da mesma temporada, Betty apresenta algumas questões psicológicas e começa, inclusive, a fazer terapia. A situação remete-se à histeria, sempre associada às mulheres tanto no cinema como na vida real. Betty, a mãe de família, esposa e dona de casa é a única personagem da história que apresenta esses sintomas. Além disso, a busca por um profissional é uma iniciativa do marido, que também recebe as informações sobre diagnósticos e andamento, como se a esposa fosse uma propriedade dele e não tivesse

autonomia sobre sua própria vida.

Outro momento que merece destaque é quando Betty resolve retomar a carreira de modelo. O marido não gosta da ideia e manipula o resultado para que a esposa não volte a trabalhar. Ele mente para ela, informando que Betty não foi aprovada em um teste para uma propaganda, levando-a a frustração, mas ao mesmo tempo, ao comodismo e aceitação de que a vida dela era apenas se dedicar à família. Em *Mad Men*, ao menos nas primeiras temporadas da série, a mulher ou trabalha em empregos “impostos” às mulheres como secretárias e garçonetes, ou se dedicava à família.

Mais tarde, Betty descobrirá algumas mentiras de Don Draper e irá se separar dele. No entanto, ela toma essa decisão após estar segura de um novo casamento, em uma paixão paralela que surgira ao longo dos episódios por um novo personagem. Apesar de ser “destinada” a esse papel de apenas cuidar da família, Betty vai apresentando complexidades e trazendo à tona situações que outras mulheres como ela sofreram na mesma época.

Há um caso em que o discurso de Betty se torna opressor ao julgar uma vizinha, divorciada, que vive sozinha com seu filho. Nessa cena da primeira temporada, o olhar das personagens mulheres que são casadas são de reprovação e medo de seus maridos apresentarem algum interesse sexual na mulher. Essa mesma personagem sofre com os olhares masculinos dos homens que, por estar sozinha, surge a ideia machista de que ela está disponível para qualquer um.

No outro casamento, Betty também vive no mesmo mundo familiar, cuidando dos filhos e do marido. No início da quinta temporada, a personagem fica obesa. A partir desse momento, a série traz à tona a discussão do corpo ideal da mulher, imposto pela sociedade e pelas propagandas, e a personagem vai buscá-lo ao longo da temporada até alcançá-lo.

Peggy Olson



A imagem acima se refere a Peggy Olson do último episódio da última temporada. A personagem teve uma evolução imensa em sua personalidade. No início da série, vemos uma Peggy tímida, que, inclusive, usava roupas mais longas, quando começou a trabalhar na agência como secretária de Don Draper. Percebe-se que todas as personagens analisadas aqui possuem alguma ligação com o protagonista, o homem branco e diretor de criação de uma agência de publicidade. Por mais que *Mad Men* traga à tona questões de gênero sobre papéis e sexismo, o programa é, antes de tudo, uma história que gira em torno de um homem principal, além de ter sido criada por um.

Peggy começa como secretária, tem um caso com um dos funcionários da agência, fica grávida dele e, ao final da primeira temporada acontece uma reviravolta em sua carreira e vida pessoal, o famoso *plot twist*⁴. Peggy ascende no trabalho e se torna uma redatora da agência, “apadrinhada” por Don Draper, que enxerga na funcionária um potencial para ir mais além na publicidade. No entanto, no mesmo episódio, Peggy entra em trabalho de parto e descobre também que estava grávida. Ela achava que estava com algum tipo de problema gastrointestinal.

Nesse momento, Peggy abdica da maternidade e entrega a criança para sua mãe, no caso a avó do bebê, criar. Na segunda temporada, a personagem aparece como redatora da agência, mas ainda numa posição inferior aos cargos ocupados pelos homens. Ela é vista como um corpo estranho em meio ao ambiente masculino das reuniões e apresentações de

⁴ Reviravolta na narrativa

campanha. Em certos episódios, é mostrado que certos empresários, que contratam a agência para campanha, não gostam quando Peggy está à frente da ideia e da apresentação da propaganda. Para eles, ela não tem a mesma capacidade que os funcionários homens possuem.

Para se encaixar no ambiente masculino, Peggy passa a adotar trejeitos característicos dos homens da época, como beber whisky e fumar no trabalho, costumes que ela não possuía antes de se tornar redatora. Sua performance passa a adentrar o universo considerado como masculino. Em sua obra, Kaplan (1995), completa: “Quase sempre perdendo, ao fazê-lo, as características femininas tradicionais – não aquelas de sedução, mas antes as de bondade, humanidade e maternidade. Agora é quase sempre fria, enérgica, ambiciosa, manipuladora, exatamente como os homens cuja posição usurpou.” (p. 51)

Por um lado, se Peggy tem a sua ambição profissional. Por outro, ela também almeja constituir uma família. Ela vê as colegas de trabalho se casando e, quando aparece alguma oportunidade, a sensação transmitida ao espectador é a de que ela realmente deseja isso e se frustra ao não conseguir imediatamente. Ela passar por diversos relacionamentos até que, no último episódio da série, ela encontra seu amor, em uma cena melodramática que não fez jus a toda construção da personagem na trama.

Apesar da notável e emblemática discussão acerca do papel social da mulher no mercado de trabalho na década de 1960, *Mad Men* traça uma perspectiva de que o sonho da mulher perpassa por encontrar um grande amor. No caso de Peggy, o seu final na série não condiz com toda a construção da personagem ao longo da história. Além dessa busca e melodrama em torno do amor encontrado em seu colega de trabalho, com beijos e cenas dignas de Hollywood, Peggy rejeita uma proposta de ser sócia em uma nova empresa, que seria construída por ela e Joan Holloway.

Talvez o que a série quis transmitir é que essa ideia fosse algo de difícil realização em plena década de 1960. No entanto, terminar a história de Peggy com esse crescimento profissional seria digno dos dias atuais e, certamente, o grande avanço para a época, que contava, inclusive, com a explosão do Movimento Feminista.

Joan Holloway



Na primeira temporada, Joan Holloway tinha uma função de ser uma espécie de secretária-geral da agência. Todas as questões referentes às novas contratações passavam por ela. A personagem é, para mim, a mais sexualizada dentre todas. O olhar dos funcionários homens, assim como o olhar da câmera são masculinos em relação a Joan. Seu potencial profissional não é levado em conta. Os profissionais enxergam-na como uma boa funcionária, mas se ela for ascender profissionalmente na empresa, já se torna motivo de críticas e desconfiança.

Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, "de apoio", de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação. (LOURO, 1997, p.17)

No início da série, Joan faz basicamente o papel de boa profissional, discreta ao que acontece na agência, aos olhos dos personagens homens. Ela é solteira e esse fator faz com que muitos homens achem que possuem total liberdade com ela. Na agência, ela já manteve um caso extraconjugal com um dos sócios, porém apenas os espectadores sabiam. Nunca veio à tona. Essa situação pode ser considerada um estereótipo criado acerca da relação entre patrão e secretária, como se elas estivessem disponíveis sexualmente para eles. Histórias

como essa não são novidades no âmbito da televisão e reforça, como eu já disse, esse estereótipo sexual criado em torno da profissional mulher.

Nas temporadas seguintes, Joan abdica do seu emprego para se dedicar ao tão sonhado casamento. Aqui, destaca-se novamente que a mulher não poderia ser esposa e profissional ao mesmo tempo. Além disso, reforça a idealização do casamento como se fosse o maior sonho almejado por uma mulher, inclusive por Peggy Olson, como falamos mais acima. Com o casamento, Joan faz o papel de boa esposa que todo marido gostaria de ter, seguindo a moral da sociedade da época.

No entanto, a situação financeira do casal passa por dificuldades e ela precisa voltar a trabalhar para ajudar em casa. Nesse quesito surge uma discussão entre Joan e seu marido sobre a questão do trabalho. Afinal, agora que ela estava casada, havia se tornado uma propriedade do marido, segundo os costumes da época. Ela volta a trabalhar, mas camuflando os problemas financeiros vividos por ela e o marido.

Durante o casamento, Joan também descobre que estava grávida. No entanto, o filho que esperava não era do marido, mas sim, do sócio com quem teve um *affair* ainda quando trabalhava na agência. Nesse momento, a série levanta a discussão em torno do aborto, mas Joan não o pratica. Ela opta por ter o filho, mas diz ao marido que o filho é dele. No final das contas, após o nascimento do bebê, os dois se separam e Joan retorna à agência.

Na quinta temporada, Joan atinge seu ápice e provoca uma discussão acerca do ambiente profissional da mulher. Para ela se tornar uma das sócias da agência, é proposto que ela durma com um possível cliente da agência. A decisão a ser tomada por Joan é difícil e ganha destaque, em um dos melhores episódios dessa temporada. Ela aceita a proposta e vê um futuro com estabilidade financeira para o seu filho. No entanto, Don Draper surge tentando impedi-la. Os dois possuem uma amizade muito próxima. Mais uma vez, uma personagem ligada ao protagonista. Ele surge tentando tomar a decisão por ela, buscando uma alternativa, mas apareceu tarde. O ato já havia se consumado e Joan tornara-se a nova sócia da agência por um caminho proposto pelos sócios homens. Fica aqui a discussão, a personagem se prostituiu? Como ela buscou algo em troca do sexo, acredito que ela cometeu tal ação. No entanto, ela não merece ser julgada. Ela fez isso por seu filho, pelo seu futuro. Foi a única alternativa oferecida para ela em uma sociedade machista, na qual a ascensão profissional de uma mulher é bastante difícil.

Na última temporada, a agência em que Joan se tornara sócia foi vendida para outra

empresa. Agora, ela era uma funcionária de um diretor bastante sexista. O profissionalismo da personagem é questionado por ser mulher. Ela possui uma conta para campanha com a Avon, mas ela não pode cuidar dela sozinha. Um profissional homem aparece para dividir o trabalho com Joan e passa a assediar a personagem através de discursos de violência simbólica machista. Nesse caso, acontece o ápice da personagem que não finge ignorar a situação e vai cobrar medidas de seu chefe. No entanto, ele não dá a mínima e passa a duvidar da capacidade profissional de Joan. Como retórica, ela fala das marchas feministas (segunda onda do feminismo) que estavam acontecendo na época, no final da década de 1960, e abre a discussão para o assédio sofrido pela mulher no mercado de trabalho.

Ela se demite e passa a construir uma empresa sozinha, em casa, cuidando do filho. O paradigma de que mulher não pode trabalhar e ter família é quebrado com essa personagem que criou uma criança sem um marido e trabalhou ao mesmo tempo.

Mad Men é uma série hegemonicamente integrada por personagens brancos. Os personagens negros estão ligados a papéis inferiores como empregada. O programa retrata também o período do movimento pelos direitos civis dos negros, que contou com a liderança de Martin Luther King. Nesse período da série, começam a surgir personagens negras em papéis de secretárias, sendo Dawn Chambers a primeira, como funcionária de Don Draper. Mais uma vez, uma personagem ligada a ele. Em outro episódio, Peggy leva Dawn para sua casa e fica claro a situação de racismo em que a personagem ficou com receio de deixar sua carteira próxima a secretária, uma mulher negra.

Sally Draper



Sally Draper é a filha mais velha de Betty e Don Draper. Ela começa a série como uma criança, mas termina como uma adolescente que está experimentando seus desejos sexuais. Desde a infância, o olhar do criador da história para com a personagem é cuidadoso e bastante impactante. Logo nas primeiras temporadas, há uma cena em que Sally, ainda criança, é flagrada se masturbando pela mãe de sua colega. A situação é tensa, pois Matthew Weiner utiliza uma criança, ainda em desenvolvimento, para interpretar uma cena como essa. Mas que caracteriza a curiosidade em torno do corpo, que pode vir a acontecer nesse período da vida.

Ao longo das temporadas, Sally assume o papel voyer de espiar atividades sexuais, como Kaplan (1995) exemplifica em seu primeiro capítulo *O Olhar Masculino*. A personagem flagra determinadas situações que são impactantes para uma criança através da busca do que é “proibido”. No entanto, tais flagrantes acontecem por acaso. No final das contas, o objetivo de Sally não era espiar atividades sexuais. Em uma cena, ela olha o sócio de Don recebendo um sexo oral da sogra do seu pai. Já em outra ela flagra o próprio Don traindo a segunda esposa com a vizinha. Essas situações de flagrante sexuais sempre ficam aos olhos de Sally, uma criança que está em pleno desenvolvimento, mas que enxerga, muitas vezes, como uma pessoa adulta. O criador da série, em diversas situações, traz maturidade à personagem.



Figura 1 Tradução "Você não beija garotos. Garotos beijam você"

A imagem acima se refere a Betty mostrando alguns ensinamentos à filha. Nesse caso, há a restrição pela iniciativa da mulher, que deve esperar pela ação do homem e a curiosidade de Sally para com certas situações de desejo. Segundo Lauretis (1994, apud MACHADO, 2003), a construção sócio-cultural da representação de gênero prossegue na família, escolas e cinema, por exemplo, trazendo valores que são ditos como femininos. “Como se fossem colados à mulher ou repassados geneticamente de mãe para filha”. (MACHADO, 2003, p.8)

Conclusão

Mad Men é uma série que trouxe à tona a realidade da década de 1960. O criador, com muito perfeccionismo, interligou os movimentos históricos com as situações vividas na agência publicitária, como o movimento pelos direitos civis dos negros e o movimento feminista.

O machismo é exposto e escancarado na série através das situações retratadas. No entanto, Matthew não muda a situação e deixa a realidade transparecer como é. Betty abdicou do trabalho para cuidar da família e quando surgiu a oportunidade de retornar à antiga profissão, seu marido fez com que sua vontade não se realizasse. Peggy, por mais que seja ambiciosa profissionalmente, no fundo sempre sonhou em encontrar o amor da sua vida e desejou o casamento. Em algumas situações a personagem precisou utilizar a performance do que era imposto como costumes masculinos para se sentir abrigada em seu ambiente de trabalho, repleto de homens.

Joan aguentou calada, por muito tempo, o assédio sofrido e o não reconhecimento

profissional até que deu um basta em toda essa situação e resolveu criar sozinha sua própria empresa. Enquanto isso, a pequena Sally se tornou uma adolescente. Desde a sua infância, o olhar da criança era voltado para o que era proibido moralmente pela sociedade e ao crescer, começou a ter desejos sexuais por rapazes. Em um episódio, ela tem a iniciativa de dar um beijo em um garoto. É uma personagem que merece a atenção e retrata, muitas vezes, o que as crianças também passam na vida real. O processo de descoberta do próprio corpo é um exemplo.

Mad Men é uma série forte, na qual um personagem homem é o protagonista e tem uma ligação com todas as mulheres e a criança analisadas neste ensaio. Apesar de todo o empoderamento adquirido por algumas personagens e a retratação do sexismo sofrido por algumas, a história delas sempre está voltada a Don Draper. O título refere-se aos homens, mas a série é feita por grandes mulheres, que merecem tanto protagonismo quanto eles.

Referências

LOURO, **Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação-** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KAPLAN, E. Ann; PESSOA, Helen Marcia Potter. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera.** Rocco, 1995.

MACHADO, Liliane Maria Macedo. **À margem do elemento X:** desconstruindo os (super) poderes das meninas. Em Tempo de Histórias, n. 7, 2003.

MULVEY, Laura. "Visual pleasure and narrative cinema." *Media and cultural studies: Keywords* (1975): 393-404.

DE LAURETIS, Teresa. "La tecnología del género." *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.* Rio de Janeiro: Rocco (1994): 206-242.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Cultura das séries:** forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade." *XXII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação–Compós* (2013): 04-07.